

O conjunto sineiro de Mafra

A basílica de Mafra é uma obra maior do Barroco em Portugal e na Europa. A sua construção começou em 1717, no reinado de D. João V; inclui uma grande capela, um convento, um palácio real, uma biblioteca magnífica com cerca de 40 mil livros e outras instalações. O instrumentário da basílica inclui o único conjunto conhecido de seis órgãos de tubos construídos para um desempenho simultâneo, datado do início do século XIX.

As duas torres sineiras de Mafra incluem um notável conjunto de 120 sinos fundidos em bronze, com pesos que vão desde as doze toneladas até aos 2,7 Kg dos sinos de alto timbre. Os conjuntos consistem em três grupos distintos: os sinos de horas, os litúrgicos e os dos carrilhões. Dois conjuntos de sinos de horas exibem os maiores sinos do século XVIII do mundo; cada um destes pesa cerca de doze toneladas. Os sinos litúrgicos consistem num conjunto de onze sinos de fundição portuguesa e italiana de construção compreendida entre 1730 e o final do século XIX; é uma demonstração única do uso litúrgico de sinos e em termos do conhecimento da metalurgia e fundição do século XVIII em Portugal, este é o conjunto sineiro mais importante.

Os dois carrilhões (torres Sul e Norte) são instrumentos musicais invulgares, agora em deterioração. Juntos, eles são os maiores carrilhões do século XVIII existentes no mundo. Cada um deles cobre uma amplitude de quatro oitavas (por isso considerados carrilhões de concerto). Eles têm consigo a assinatura de dois fundidores de sinos dos Países Baixos: Willelm Witlockx, um dos mais respeitados fundidores de sinos em Antuérpia e Nicolaus Levache, um fundidor de Liège responsável por diversos carrilhões e que deixou, efetivamente, em Portugal uma tradição de fundição que perdurou por mais de um século após a conclusão do trabalho em Mafra. O carrilhão da torre Norte nunca foi transformado para se adaptar às apresentações modernas da música. Por este motivo, ele possui a mais preciosa das informações: ele tem exatamente o mesmo som que tinha no início do século XVIII. É uma ilustração única do

desempenho sonoro sineiro no seu estado de afinação original.

Este conjunto único inclui também o maior conjunto conhecido de sistemas de relógios e de cilindros de melodia automática; ambas as torres de Mafra possuem mecanismos automáticos de toque (quatro cilindros rotativos com cavilhas e alavancas) Este é um marco mundial para o estudo, quer da música automática quer da relojoaria. Estes complexos engenhos são capazes de tocar de modo intermutável de entre cerca de dezasseis diferentes e complexas peças de música, em qualquer momento. Os cilindros melódicos de Mafra foram executados pelo famoso De Beefe, construtor de relógios dos Países Baixos da primeira metade do século XVIII.

Prof. Doutor João Soeiro de Carvalho
Diretor do Departamento de Musicologia
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa

Era desejo de D. João V que os carrilhões tocassem na cerimónia de sagração da Basílica mas, numa carta de Junho de 1730, o P.^e Lochtenbergh informa de Liége que os sinos não poderão ser enviados no mês de Agosto como previsto, pois estão imperfeitos e mal afinados.

Não estava ainda completo o carrilhão da torre norte quando, segundo *O Monumento Sacro* de Frei João de S. José do Prado, se realizou a sagração da basílica a 22 de Outubro.

As encomendas vêm de Liége, por terra, até Anvers e daí por barco até Roterdão, de onde são enviados para Lisboa.

Existem pedidos de passaportes para a travessia de sinos e peças para os carrilhões (tambores, ornamentos, relógios) por diversos países da Europa nos anos de 1730 e 1731.

Os primeiros dez sinos chegam a 21 de Setembro, depois mais vinte e oito a 18 de Outubro e mais dois no dia seguinte. Antes de serem levados para Mafra, os sinos dos carrilhões eram benzidos pelo Patriarca de Lisboa, na presença de D. João V, sendo construída uma estrutura de madeira, onde eram suspensos, coberta de lona e forrada de damasco carmesim com rendas e galões dourados, junto à Igreja de Santo Antão do Tojal (Loures). O seu transporte era dirigido por Máximo de Carvalho, superintendente das Reais Obras, em carros puxados por muitas juntas de bois, conduzidos por abegãos e escoltados por dois destacamentos de Infantaria da Corte com 400 soldados.

Dezassete de Sept.^o do novo ano de 1730 eram quando entrando um Navio Estrangeiro pela barra dentro, foram as repetidas e estrondosas salvas das torres as que nos deram notícias de ser o condutor dos encomendados sinos. E indo-se logo a seu bordo por conservação do festejo, se achou ser somente oito do principio dos mais que irão vindo. E porque sendo esta a sua condução, forçosamente havia de ser festejada a sua chegada... foram logo voando vários barcos a seu bordo para o desembarque e sendo eles levados p.^a Santo António do Tojal, lá foi o Ilm.^o e Revedm.^o Sr. Patriarca, em comp.^a de S. Mag.^e e Srs. Infantes Seus Irmãos, lançar-lhes água benta, p.^a melhor zunido...” conta-se numa carta escrita para o Brasil nesse mesmo ano. Segundo o mesmo relato, no mês seguinte chegaram mais quarenta sinos, que

foram igualmente abençoados em Santo Antão do Tojal, sendo depois enviados para Mafra.

“ ...O maior deles na marcha... pelo seu estrondoso peso se viu quase enterrado, p.^a o que indo a toda a pressa um fervoroso aviso a Mafra p.^a se acudir a esta fatalidade... veio logo acudir o Maior poder e com ele o Marquês de Marialva e o filho do Conde de Unhão... Mas pobre de um miserável soldado que ficando na marcha debaixo da carreta em que ele ia, não se ouvindo os seus lastimosos gemidos com a bulha e gritaria, se achou aos depois dividido em pedaços. E chegando este pesado matador com os mais ao seu Domicílio, nele, com artificioso engenho que descobriu a habilidade do grande Arquitecto Custódio Vr.^a, foi pelos ares em busca do seu lugar...”

Acrescente-se que o peso do sino está calculado em c. de 800 arrobas.

À data da sagração da Basílica as torres sineiras também não estavam terminadas, tendo remates improvisados *“... de madeira gessado por fora feito a modo de pirâmide”*, segundo nos diz a *Notícia das Riais Obras de Mafra - Parte primeira e segunda*, escrita em 1730.

Existe também um sino fundido por um português, Pedro Palavra, que, segundo Frei João de São José do Prado, *“por ser de som mui alto, mas mui suave, se chama por antonomasia o sino da Graça”* e *“servia para tocar aos sermões e às procissões das preces”*.¹

Outro dos sinos da torre norte, conhecido pelo *Bizarro* e que pesa 618 arrobas, quebrou-se por duas vezes. A primeira durante a estadia dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho em Mafra, entre 1771 e 1791 e depois, a 16 de

¹ *Monumento Sacro da Fabrica, e Solemnissima Sagração da Santa Basílica do Real Convento, que junto á Villa [...] escrito por Fr. João de S. Joseph do Prado,[...], 1751, pág.*

Junho de 1817, “quando tocava à missa de Santo António”. Em 1824, foi mandado reparar por D. João VI a um sineiro de Santarém, António Manuel, que aqui se deslocou para tal.

Os carrilhões são accionados quer por um sistema mecânico, conjugado ou não com o movimento do relógio, quer através de um teclado manual.

O carrilhão mecânico funciona segundo o sistema do órgão de Barbieri, com dois enormes cilindros de bronze onde se colocam cavilhas de aço representando notas musicais. Quando destravados ou movidos pelo mecanismo dos relógios, o movimento dos cilindros faz as cavilhas de aço baterem em teclas metálicas ou *papagaios*, que por sua vez, vão fazer mover os martelos dos sinos de acordo, com a melodia programada.

Os cilindros são movidos individualmente através de um peso de chumbo com c. de 800 kg., que descem pelas torres até ao solo. A corda para os relógios tinha de ser dada duas vezes ao dia.

Os relógios dos carrilhões mecânicos tocavam a todas as horas e quartos, do nascer ao pôr-do-sol, mas enquanto o relógio da torre sul, de fabrico português, assinalava as doze horas do dia, o da torre norte, de fabrico italiano, marcava apenas seis.

O da torre sul, chamado romano ou italiano “*governava*” apenas seis horas. Quando dava as horas, tocava antes “*uma grande sinfonia*”, sendo diferente a melodia das horas pares da melodia das horas ímpares.

“Ambos dão quartos e a cada quarto move o relógio português no carrilhão q lhe compete o toque de um minnete; cuja galantaria faz o relógio italiano duas vezes no dia, uma ao pôr do sol e outra pela manhã às mesmas horas em q se pôs o sol no dia antecedente.”

As músicas eram mudadas todas as semanas.

Os carrilhões manuais são executados por um carrilhanista, num teclado tocado com as mãos e pelos pés, que faz accionar os badalos dos sinos.

Ouviam-se diariamente a determinadas horas e também nos dias de grande gala ou quando se deslocava ao Palácio algum membro da Família Real. Ainda hoje é utilizado regularmente para concertos.

Era grande a importância que a comunidade fradesca dava à função dos sinos, pelo que estavam afectos ao seu serviço 24 donatos, coordenados por um

frade leigo, tendo os seus aposentos nas próprias torres, com celas, um refeitório e uma capela para os seus exercícios espirituais”²

No primeiro quartel do século XIX este trabalho estava a cargo de “*moços para isso deputados*”.

O primeiro carrilhanista do Real Paço de Mafra foi Gregório Le Roi, natural de Liège, onde exerceu o cargo de Primeiro *Carrilhanor*, tendo sido contratado por D. João V a partir de 1730.

Sucedeu-lhe o seu filho José Pedro Le Roi, que nos inícios do século XIX, partilhava o cargo com o primeiro carrilhanista português, Joaquim Gabriel dos Santos Andrade.

Outros sinos

Para além do toque dos carrilhões, outros sinos pontuavam a vida do convento. Era o caso do *Sino das Aulas*, situado num campanário de pedra junto à varanda com parapeito de cantaria que circunda os terraços. Estava a cargo do *bedel*, um religioso leigo, encarregado de tocar à hora da entrada e da saída dos estudos bem como de abrir e fechar as aulas, tratar da sua limpeza, dar azeite e luz a todo o colégio e finalmente de despertar a todos pelas 3 horas da madrugada para o estudo.

Existia também o *Sino da Enfermaria ou da Agonia*, assim chamado porque era tocado quando algum frade estava próximo da morte. Estava colocado no parapeito do saguão próximo da enfermaria e tinha uma corda que ia ter a uma das janelas do corredor desta. Servia também para avisar da chegada do

² *Relação do Convento de Santo António de Mafra suas oficinas e Pallácios [...] por Guilherme José de Carvalho Bandeira*, pag. 146.

médico do cirurgião, que tinham a obrigação de visitar a enfermaria de manhã e depois da Vésperas, houvesse ou não doentes.

O *Sino do Refeitório* estava situado num campanário de ferro junto às grades que circundam um dos saguões e tocava para assinalar as horas das refeições, A *Garrida* era um sino pequeno situado no terraço de zimbório dentro de um pequeno campanário de ferro. Recebia o toque do sino da sacristia e fazia sinal às torres para os onze sinos do 1º andar do carrilhão que tocavam a acompanhar os ofícios divinos.

E por fim o *Sino da Féria*, também chamado o sino *do bacalhau*, pois tocava apenas nos dias de abstinência, às matinas, vésperas e horas da missa.

Isabel Yglesias de Oliveira

Com M^a Gabriela Cordeiro
e M^a Fernanda Santos